

**Três tempos para as teorias**

---

**letrônica**

---

Ana Cláudia Munari<sup>1</sup>

Os reflexos dessa mudança terão consequências significativas na elaboração de novas teorias da história da literatura (OLINTO, 1996, p. 21)

Início da década de 90 na Alemanha: os restos materiais do muro já foram varridos, as Alemanhas reunificadas elegem um líder comum e a população se reencontra e se reconhece pelas ruas. A prática, agora, é proceder à teoria dos vasos comunicantes: instituir igualmente os direitos sociais conquistados pelo lado ocidental. Cena inaugural.

Nesse contexto, em que uma nova era se estabelece, duas atitudes são naturalmente elegíveis: a volta ao passado e o reconhecimento do existente. Para um povo que ficou separado durante vinte e oito anos, nada mais natural do que abrir os velhos álbuns de fotografias, ouvir e contar histórias, estabelecer parentescos. Também é preciso reconhecer o terreno, visitar os espaços, trazer à tona lembranças e memórias. Distinguir o plano presente, ainda sob a poeira da queda, requer perfilhar escombros e inaugurações – é sob o contraste do novo e do velho que se reconstrói a Alemanha reunificada.

Essa mudança histórica, cujos reflexos agem sobre o pensamento dos teóricos de todas as áreas, não é, entretanto, a mesma referida por Heidrun Krieger Olinto na epígrafe deste texto: a mudança, ali, ainda era um reflexo de ideias erigidas sob a sombra do muro, no final da década de 80. Naquele momento, Olinto referia a passagem da concepção imanentista do texto literário, pregada pelos formalistas, para uma visão pragmática do discurso literário, e acreditava que essa alteração, nas perspectivas do olhar incidente sobre a literatura, traria *consequências significativas* para a construção de novas teorias. Alguns anos depois, em

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura no PPGL da PUCRS. Bolsista CAPES.

1996, Olinto organizava a coletânea de ensaios *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs* (1996), em que perfilava textos de onze pensadores alemães da História da Literatura, escritos durante a década de 80, incluindo aí seu próprio artigo, *Interesses e paixões: histórias da literatura*, de onde foi retirada a citação.

É nesse momento de compilação dos ensaios, seis anos após a queda do muro, que se estabelece a revisão do passado e o reconhecimento do presente por Olinto, uma alemã naturalizada brasileira, sinalizando a passagem para um novo momento, então nos estudos teóricos da História da Literatura. Cena inaugural segunda: década de 90. O colapso da União Soviética e a extinção do Pacto de Varsóvia, o fim do *apartheid*, a queda de regimes totalitários, marcam a década pela expansão da democracia no mundo, em que se colhem os frutos do fim da guerra fria e a criação da União Européia. Globaliza-se o mundo pelo fortalecimento do capitalismo e pelas inovações tecnológicas que permitem o avanço das comunicações: internet, telefone celular, tv a cabo, novos satélites entram em órbita...

É sob a égide de um mundo que, de um lado, expande-se, rompendo fronteiras e, de outro, fragmenta-se, incapaz de abarcar contingências e explicar-se como um todo, que são reunidos esses artigos, por Olinto, que pretendem tematizar novas formas de escrita da História da Literatura. Era o momento de buscar no passado referências para a construção de modelos que dessem conta de compreender o momento original, mas que ela estabelece de forma inusitada: o discurso fundador desse novo momento, que acolhe escritos de uma década antes e, ainda, no caso do texto de Hans Robert Jauss, de 1970, é chamado de “novas teorias alemãs”. Que novas formas eram essas que, reunidas, sinalizam um novo paradigma? Que mudanças, profetizadas por ela ainda na esteira das provocações de Jauss<sup>2</sup>, em 1967, ocorreram desde então? Uma análise sobre alguns desses textos sinalizadores e a comparação com artigos escritos na década posterior – organizados por Maria Eunice Moreira, em 2003, no volume *Histórias da literatura: teorias, temas e autores* – permite que pensemos sobre a profecia de Heidrun Krieger Olinto: as *realmente* novas teorias da História da Literatura.

Na apresentação da coletânea, a organizadora, explicando o propósito do volume, assinala a trilha percorrida pelos ensaios: embora as teorias não revelem um compromisso comum, todas são erigidas na perspectiva de rever teorias tradicionais, apontando novas expectativas para um pensar teórico sobre a historiografia literária – é o que a própria erige em seu artigo, relendo o formalismo russo (ou abrindo seu velho álbum de fotografias). Reconhecendo a pluralidade do fenômeno literatura, e o desejo de que o olhar sobre esse

---

<sup>2</sup> *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Aula inaugural proferida na Universität Konstanz, em 1967. Publicação brasileira em JAUSS, 1994.

objeto acompanhe suas transformações e sua contingência, convida ao diálogo, afastando qualquer tendência ao normatismo, comum a teorias como aquela que ela mesma relê.

Em seu ensaio, Olinto sinaliza a necessidade de encontrar meios de regular os estudos historiográficos da literatura a partir da transcendência do imanentismo e da abertura para uma concepção pragmática do literário, sem perder de vista a contingência, a pluralidade e a imprevisibilidade do seu objeto de estudo. Centrando o sentido e a compreensão do texto literário a partir da recente perspectiva de relação comunicacional, que Jauss proclamava em sua conferência de 1967, Olinto reitera a necessidade de abranger os estudos dentro do contexto de *sistemas sociais complexos e instáveis*, mas alerta para a necessidade de manter o prumo através da construção de teorias capazes de abarcar toda a flutuação em tempo e lugar do literário – *esse espaço sem fronteiras*. O artigo de Claus-Michel Ort (1996), integrante do volume, dialoga com o de Olinto, na esteira da percepção do objeto literário como abrangente e variável e na busca por teorias que postulem formas que permitam circundar esse objeto sem esquecer sua natureza disforme. Aqui, é importante sinalizar o compromisso do discurso de ambos em promover diretrizes – a necessidade de formular teorias – sem declarar verdades, mas respostas possíveis.

Da mesma forma, no artigo “Sobre a escrita de histórias da literatura”, Siegfried Schmidt (1996) evoca a dependência dessa escrita aos postulados teóricos, transferindo os estudos de H. R. Maturana para o âmbito da historiografia. Para Schmidt, a história da literatura é uma construção de seu redator e, por tal, dependente de suas disposições individuais socializadas. A pergunta, aqui, também questiona por princípios de orientação, desta feita em vista da arbitrariedade do *processo de criação* da história da literatura – construção individual –, e não apenas do ponto de vista da abrangência de seu objeto, mas pensando-o também como integrante de um sistema maior, o social.

Nesse ensaio, Schimidt é pontual nos problemas que a escrita de histórias da literatura evoca, situação essa que dialoga com a perspectiva de mudança apontada por Olinto: o método tradicional não dá conta de seu objeto. Se a literatura e os meios de sua interpretação transformam-se, modifica-se a *contação* dessa história? As dificuldades pelas quais o historiador da literatura esbarra em seu ofício existem justamente pelo caráter construtivo do processo: todo dado é postulado pela moldura de um observador, que o declara relevante e o relaciona em unidades coerentes à luz de disposições individuais e dentro de um determinado sistema social. A coerência dessa escolha e dessa relação é dada por esse observador, que elege também a perspectiva de narração, os processos de mudança, as implicações, e estabelece suposições de causa e consequência.

Se assinalar erros talvez não seja tão difícil naquele período de reavaliação de teorias, momento em que os olhares se voltam entre o antes e o aqui – marca da mudança –, apontar soluções é certamente o viés da troca de paradigmas, e Schmidt o faz. Para ele, quatro princípios devem nortear a escrita de histórias da literatura: (a) toda construção histórica deve ser legitimada, (b) orientada na perspectiva de inter-relação entre agente-texto-contexto e na relação entre esses e seus respectivos sistemas e o sistema literário, e, (c) na análise do sistema literário que objetiva compor essa história, toda a série de meios de comunicação daquela sociedade deve ser levada em conta, (d) chegando a um objeto que deve ser aplicável além de seu próprio contexto.

Esse é o texto fundamental sob o qual se pode aqui erigir o propósito da comparação, visto que ele relaciona meios de o historiador da literatura enquadrar-se nos novos tempos. No entanto, para o propósito de compreender o pensamento daquele lapso de tempo, em que *novas teorias alemãs* se construíam, momento esse que se cristaliza na compilação de Olinto como uma validação dessas conjecturas, é necessário assinalar ainda outros ensaios, como forma de perceber o sentido da unidade axiomática e responder à pergunta sobre que tendências formalizavam o pensamento dos teóricos e historiadores da literatura na passagem para um novo paradigma.

O texto de Hans Ulrich Gumbrecht (1996) oferece um rumo para essa transformação: a troca do princípio de totalidade histórica pelo de *mentalidade*; assim, na impossibilidade de alcançar uma totalidade, objetivo então claramente inatingível, a história da literatura deixa de ser um fragmento dessa *totalidade inexistente* para ser um eixo em que se articulam outros que, juntos, trazem a idéia da mentalidade de uma época ou de uma sociedade. A redefinição do espaço historiográfico pela idéia de mentalidade também perpassa os estudos de Friederike Meyer (1996). A ideia tradicional de parte ou fragmento, que traduz uma concepção linear da história, é substituída pela ideia de múltiplas camadas simultâneas, evocando a ideia de rede, princípio condizente com a era da globalização e da internet, que recém davam seus primeiros passos.

A ideia da construtividade – ou construtivismo – também alcançou seu apogeu a seguir, no momento em que Olinto unia os ensaios. A escrita da história é uma construção arquitetada por um observador particular; a escrita da história da literatura seria então uma construção de várias construções, considerando ainda que a literatura é um meio privilegiado de construção de mentalidades, porque organiza o mundo. O construtivismo permeia não apenas os estudos de Schmidt, mas também os de Luhmann, Ort e Rusch (1996), para quem a verdade objetiva não existe e a forma como vivenciamos o mundo é que o constrói.

Que ideias comuns sobre a historiografia literária permeiam os artigos compilados por Olinto? A repetição de palavras como contingência, complexidade, abrangência, pluralidade, processos comunicativos – em relação ao objeto de estudo da história da literatura; a repetição, ainda, de mentalidade, relativismo, sistema, rede, simultaneidade, quando da forma de organizar esse objeto; e de construtivismo, interdisciplinaridade, empirismo, pragmatismo ao relacionar métodos e teorias capazes de promover a escrita da história da literatura combinam com o espírito que adentrou os anos 90, forças essas que derrubaram o muro: rompimento de fronteiras e de normas estanques, busca de novos parâmetros que abarquem as diferenças, as minorias, as minúcias.

Que novas teorias originaram-se desse espírito? Menos de uma década depois, o terceiro tempo do processo, Maria Eunice Moreira organiza, em 2003, o volume de ensaios *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Inseridos na unidade teórica, encontram-se textos de historiadores da literatura vinculados a pesquisas na Europa e nas Américas do Norte e do Sul, incluindo o Brasil. No entanto, tais ensaios foram escritos durante a década de 90, concomitantemente ao arrolar daqueles que compõem a obra organizada por Heidrun Krieger Olinto, cujo artigo também integra a obra de 2003.

A cena inaugural desse novo momento não é muito diferente. No mundo, vive-se a era da pluralidade e dos discursos múltiplos e multifacetados. A miscigenação de culturas, a troca de costumes, a fluidez dos conceitos, a fugacidade das modas, tudo leva ao rápido, variável, relativo. Se os limites se expandem pelo universo – a NASA aterrissa em Marte, o telescópio espacial Hubble é lançado fora da órbita solar, a sonda Galileu orbita Júpiter – o homem busca mapas e parâmetros para não escapar de si mesmo – identificação do DNA, Projeto Genoma Humano, clonagem (o homem deus de si mesmo). Enquanto os cientistas mapeiam a minúcia infinitesimal do DNA, outros descobrem que o Universo é composto de 23% de matéria escura, cuja composição é desconhecida, e 73% de energia escura, uma forma hipotética de energia. Os restantes 4 % são o que supostamente conhecemos.

Nesse universo de incertezas, realmente a verdade objetiva de Rusch não existe, vide o filme *Matrix*, sucesso do fim da década. Que novas teorias da história da literatura surgiram capazes de abarcar tamanha contingência, se pensamos a literatura como expressão de mentalidades? Maria Eunice Moreira situa a unidade dos ensaios na esteira de histórias plurais, marcadas ainda pela divisão de águas promovida por Hans Robert Jauss e os estudos da Estética da Recepção. Dentre os ensaios, três deles servirão de parâmetro para uma comparação que pretende verificar – de forma nada categórica, como corresponde a esses anos de 2008, e parcial, pelo volume analisado – algumas respostas desses pensadores à **Letrônica**, Porto Alegre v. 2, n. 2, p. 121, dezembro 2009.

provocação de Jauss e à previsão de Olinto: seu próprio texto, “Voracidade e velocidade: historiografia literária sob o signo da contingência”, “A escritura da história ou a propósito das fundações da nação”, de Hugo Achugar, e “Hibridismo e alteridade: estratégias pra repensar a história literária”, de Nelson Vieira (2003).

O texto de Olinto tem um título sugestivo – Voracidade e velocidade –, uma referência ao tempo, que consome e escapa do aprisionamento teórico, sugestão que ela joga para o final do artigo, quando pergunta como realizar processos de mudança, se o futuro, diferente do passado, é apenas uma probabilidade, e o presente inexistente? A hipótese da despedida das teorias estáveis e estanques e o valor das teorias que adotam a contingência como princípio é formulada sob os preceitos do sociólogo Niklas Luhmann – aquele mesmo que, no livro anterior, esboçava sua teoria sistêmica a partir do conceito de *autopoiesis*, do construtivista Maturana, que, por sua vez, é o mesmo que influenciou os estudos de Ort e Rusch. Para Olinto, a teoria sistêmica de Luhmann já responde à instabilidade provocada por Jauss, quando prevê um sistema que se auto-organiza e se subdivide, sem perder a capacidade da inter-relação e da comunicação entre seus subsistemas. Assim, por mais complexo que seja o sistema literário, ele mesmo institui suas fronteiras, regula seus subsistemas e organiza seu funcionamento. Se o desvio, a anormalidade, o acidental, a contingência provocam a complexidade do sistema literário, o entorno desses subsistemas sempre permanecerá dentro do sistema literário, que se autocondiciona. Ainda relendo Jauss e anexando-o aos estudos de Luhmann, Olinto crê que historiografar a literatura consiste justamente em organizar diacronicamente essa simultaneidade de sistemas – e as diferenças, portanto –, como engrenagens que funcionam isoladamente mas fazem girar uma engrenagem maior e comum.

A discussão da semântica do tempo já estava presente no texto anterior de Olinto, em que ela pregava que os formalistas já indicavam um modelo capaz de prever a evolução, a mudança no sistema literário. A palavra que antes era sincronia – ligada ainda a certos princípios de linearidade – agora se revela no simultâneo. Mas, como ela mesma sinaliza, na frase final do texto, a questão é a mesma. Seriam os anos 90 uma década perdida, como preconizam os historiadores?

A zona nebulosa que precede os estudos de Achugar não semantiza o tempo, mas joga a gênese de sua discussão no passado remoto: época de fundação das nações latino-americanas. Voltar no tempo e reescrever a história da literatura, para Achugar, é um exercício de inclusão e de compreensão das identidades culturais. Para ele, a escrita da História da Literatura se constitui em um discurso formador das nações, à medida que supunha uma autoridade que, subjogando outras vozes, legitimava uma memória oficial.

Dessa forma se constituíram cânones e identidades culturais, pela exclusão de sujeitos e pela manutenção das classes cujo discurso era mais forte. A escrita da História da Literatura assentou-se pela memória dos sujeitos que erigiram o Estado-Nação – um poder pré-legitimado – uma construção forjada, que tinha o propósito primeiro de instituir a identidade dessa nação. Para Achugar, há todo um imaginário coletivo que foi abafado e precisa ser realocado; é no discurso desses excluídos que está a verdadeira identidade cultural das nações latino-americanas: na voz do índio, do negro, da mulher, do analfabeto.

Se a produção da Arte, como prega Achugar, faz parte do processo de construção de uma nação, a palavra-chave aqui é *imaginário*: ele não apenas formalizou a Arte, mas interpretou-a e constituiu o discurso histórico sobre ela. Novas histórias da literatura, pois, requerem a reconstrução do imaginário ignorado. Os estudos sobre o imaginário adquiriram, na década de 90, suma importância, vide a criação de vários centros pelo mundo, principalmente na Europa, dedicados a estudar o assunto, como os franceses, da Universidade de Grenoble III, da Universidade de Bordeaux e da Universidade de Perpignan, ou em Portugal, na Universidade Nova de Lisboa, e ainda no Brasil, na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal de Roraima. Uma hipótese para buscar no imaginário uma referência para a compreensão e realocação de identidades está na consciência, então adquirida, da escrita da história como uma invenção. O próprio reassentamento de identidades provocado pela derrubada de fronteiras, pela democratização e pela globalização requer a reconsideração das memórias, um retorno à sua gênese. O imaginário, como força que interpreta a realidade, distingue visões particulares e coletivas; encontrar o imaginário que postulou determinadas interpretações, configurando determinada memória, permitirá, dessa forma, a reformulação dos fenômenos. Ao cristalizar imaginários, a literatura se transforma em objeto de observação: escrever sua história, uma forma de poder.

Em seu artigo, Nelson Vieira apresenta propósito similar ao de Achugar – a inclusão de novas histórias da literatura –, mas por outra via: a do hibridismo. O híbrido, aqui, também seria uma contraposição ao discurso autoritário, porque entra em choque com o homogêneo – princípio de unicidade da força que instituiu as identidades nacionais. As divisões sociais, as diferenças culturais, desaparecem no procedimento historiográfico quando, no processo de hierarquização desses valores, a expressão mais valorizada é a tradicional, que pertence ao grupo dominante. A cultura, diferente e plural, é homogeneizada pelo discurso. O híbrido não é a mistura dessas forças, mas a colisão entre elas, o terceiro elemento. A escrita de novas histórias da literatura, dessa forma, precisa invocar essas vozes não canonizadas, com o intuito de provocar a *diferença* – que se opõe à desigualdade, à hierarquização, ao subjugo.

Uma das peculiaridades da década de 90 foi o crescente aumento das associações de minorias: gays, lésbicas, homossexuais, e ainda de produtores rurais, empregadas domésticas, bairros, etc, geralmente agregados com a intenção de conquistar seus direitos, defendê-los ou promover, justamente, a inclusão desses grupos, geralmente marginalizados. Reconhecer a identidade dessas minorias numa perspectiva não hierárquica, como sugere Vieira, significaria compreender a diferença – e aceitar diferenças é a bandeira – colorida – da época.

Ponto de observação: ano de 2008. Simultaneidade: Heidrun Olinto, na década de 80, vaticinou mudanças significativas nos estudos da historiografia literária a partir da passagem da perspectiva imanentista do texto literário para a pragmática, provocada por Jauss nos idos da década de 60. Na década de 90, Olinto cristaliza esse pensamento, compilando ensaios que reiteram sua tese: novas teorias devem ser buscadas. Na mesma década, outros historiógrafos da literatura erigem suas teorias, formalizadas em 2003 por Maria Eunice Moreira. *Then: acertou Heidrun Krieger Olinto?*

Sim e não. Condizente com o ponto de observação, formulam-se hipóteses. As novas teorias alemãs assentavam-se numa perspectiva tanto de retorno ao passado como de reconhecimento do presente, como já formulado. Era a constatação de que a tradição não suportava o alargamento dos fenômenos; entretanto, se a situação evocava uma busca por novos modelos, esse movimento ainda era o de retorno ao passado, naturalmente compreensível no caso da reconstrução de identidades sociais provocadas pela época. As *novas teorias alemãs*, então, apontam para o futuro de forma metodológica, como no exemplo de Schmidt: o historiador da literatura deve legitimar, levar em conta, analisar, pragmatizar. A pergunta a que se dispunham a responder era “o que” fazer dentro dos limites da História da Literatura diante da pluralidade e da complexidade do sistema literário.

As ideias propostas por Olinto, Achugar e Vieira nos artigos aqui analisados podem ser consideradas novas quando buscam responder uma pergunta diferente: como fazer? Como promover a escrita de novas Histórias da Literatura, desejadas por aqueles teóricos ainda à sombra do muro, nesse mundo cuja poeira recém se assenta? Embora ainda hesite em formalizar uma provocação à altura de seu conterrâneo, Olinto considera em Luhmann também um *como*: através da consciência do plano simultâneo de observação. Achugar e Vieira, por outro lado, avançam alguns passos da zona nebulosa e formulam ações específicas: recriar o imaginário ignorado, encontrar o ângulo da diferença. O movimento, para ambos, não é recontar, mas buscar outra voz que conte. Nem novos paradigmas, nem a sua desconstrução, mas a negação de qualquer um deles – e o híbrido, como elemento que não substitui, mas *se insere*, é o melhor exemplo desse pensamento. No contexto instaurado por **Letrônica**, Porto Alegre v. 2, n. 2, p. 124, dezembro 2009.

Olinto – de ultrapassar a barreira da imanência do texto – também é novo justamente por instaurar uma *práxis* pelo viés do sujeito – produtor e receptor da Arte e da cultura.

Se colocarmos ambas compilações no mesmo bojo, talvez seja perceptível não a diferença – nem o novo –, mas uma unicidade de vozes separadas pelo ínfimo espaço de uma década, que consideram a contingência, o plural, a diferença, a simultaneidade. É uníssono o acordo de que teorias devem ser hipóteses: “uma prática sem veredictos finais, mas propostas alternativas e reversíveis que precisem ser legitimadas intersubjetivamente, em função de seus quadros de pensamento e de suas molduras teóricas” (OLINTO, 1996, p. 5). Entretanto, muitas questões permanecem: como legitimar novas histórias numa perspectiva de inclusão, como lidar com o diferente sem hierarquizar, como encontrar um imaginário perdido na perspectiva uma observação que é sempre simultânea e no *then*?

Teorias se revelam coerentes quando permitem a prática. Novas teorias sobre a historiografia da literatura deveriam promover a escrita de novas histórias da literatura. É possível perceber, nesse jogo de saltar sobre um muro caído, que, embora não estejamos sentados sobre escombros, não requeremos mais uma ação capaz de eclodir fundações, mas um espaço de considerações múltiplas. São novas perguntas que surgem desse espaço: onde estão as novas Histórias da Literatura? Elas correspondem às novas teorias? Mas essas seriam hipóteses para outro lapso de tempo.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. A escritura da história ou a propósito das fundações da nação. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura*. Teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. pp. 35-60.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

FURET, François. *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, s/d.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. História da Literatura – fragmento de uma totalidade desaparecida? In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. pp. 223-240.

JAUSS, Hans Robert. *A História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

LUHMANN, Niklas. A obra de arte e a auto-reprodução da arte. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. pp. 241-272.

MEYER, Friederike. História literária e história das mentalidades. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. pp. 211-221.

MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura*. Teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

OLINTO, Heidrun Krieger. Interesses e paixões: histórias de literatura. In: *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

OLINTO, Heidrun Krieger. Voracidade e velocidade: historiografia literária sob o signo da contingência. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura*. Teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. pp. 23-34.

ORT, Claus-Michael. História literária ‘empírica’? Comentários sobre o conceito de mudança histórica na ciência da literatura empírica. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. pp. 193-210.

RUSCH, Gebhard. Teoria da história e da diacronologia. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. pp. 133-168.

SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. pp. 102-132.

VIEIRA, Nelson. Hibridismo e alteridade: estratégias pra repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura*. Teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. pp. 95-114.

Recebido em 12/03/2009

Aprovado em 18/11/2009

Contato da autora: [anamunari@terra.com.br](mailto:anamunari@terra.com.br)